

DEMOCRACIA VIRTUAL E CAPITAL SOCIAL INTERNET E COMPORTAMENTO POLÍTICO*

Rosana Kátia Nazzari**
José Otacílio da Silva***
Elizabeth Maria Lazzarotto****
Odete Lodj*****
Geysler Rogis Flor Bertolini*****

Resumo: Uma importante questão que se apresenta na pauta dos estudos de ciência política atual é relacionada aos efeitos dos meios de comunicação para a democracia. Os meios parecem estar suplantando as atividades políticas, liderando as relações entre os cidadãos e o Estado, e envolvendo-se em todas as questões cruciais que circundam os interesses públicos. Assim, é importante observar até que ponto as comunicações podem substituir o papel desempenhado pelas instituições democráticas clássicas, tais como, os partidos políticos, pois ao criar líderes e definir uma agenda, demonstra seu novo potencial de poder político nas sociedades modernas e conseqüentemente alteram os sistemas democráticos tradicionais.

Palavras-Chaves: Democracia; Internet; Domportamento político.

Abstract: An important question that if presents in the guideline of the science studies current politics is related to the effect of the Medias for the democracy. The ways seem to be supplanting the activities politics, leading the relations between the citizens and the State, and becoming involved in all the crucial questions that surround the public interests. Thus, it is important to observe until point the communications can substitute the role played for the classic democratic institutions, such as, the political parties, therefore when creating leaders and defining an agenda, demonstrate its new potential of being able politician in the modern societies and consequently they modify the traditional democratic systems.

Palavras Chave: democracy; Internet; politician behavior.

INTRODUÇÃO

A importância que a política tem para as comunicações, sobretudo para o regime democrático, é destacada por Ried (1996), uma das funções essenciais da comunicação consiste em criar uma comunidade informada; representar a mesma comunidade na esfera pública e contribuir com a formação de uma agenda de assuntos em torno dos quais se organiza a política.

A informação também é uma necessidade social e por isso mesmo, um direito da sociedade, dado que constitui base para a estabilidade e o direito de uma comunidade de solucionar seus problemas e crescimento, assim a liberdade de informação é substancial para a democracia. Ao promover o intercâmbio de idéias, permitir a formação de opinião pública livre reformula as bases dos direitos políticos de participação e exerce um controle frente às autoridades. No entanto, percebe-se que a relação entre liberdade e responsabilidade, remete ao debate sobre a ética e qualidade informativa (CABALLERO, 1999).

Alem destes, diversos trabalhos e pesquisas têm chamado a atenção para a influência dos meios de comunicação de massa no comportamento político dos cidadãos nas democracias atuais. No entanto, pouco se sabe sobre a influência da comunicação mediada por computadores para o fortalecimento da democracia.

É difícil avaliar as conseqüências da multimídia para a política, mas convém reconhecer que estão impulsionando alterações importantes para a cultura da sociedade e para a vida humana. As características deste novo estilo de vida mediatizado eletronicamente são a centralidade na casa e individualismo, o deslocamento da esfera pública para a privada, reforçando elementos que coadunam com a ideologia neoliberal e com capitalismo global.

Nessa direção Putnam (1996), observa que o declínio do capital social ou dos laços de solidariedade entre as pessoas tem uma causa comum: a televisão. Em geral, as pessoas passam muito tempo assistindo televisão, sendo assim, afasta-se do convívio social. [1]

A invasão dos eletrodomésticos, tais como: fornos microondas, aparelhos de TV, rádio, som para CD, permitem que grande segmento da população fique individualmente conectado com seletos mundos audiovisuais, que mudam os comportamentos das famílias e da sociedade em geral. Neste sentido, acredita-se que o poder homogeneizador e centralizador da *mass* mídia, com seu paradigma de persuasão foram decrescendo pela entrada das TVs a cabo que criaram novas opções de programações. Assim, o paradigma da comunicação/persuasão na construção social da realidade e na formação de identidades e modismos analisados por Derville (1997), foi colocado em cheque na sociedade atual pela mídia interativa e suas múltiplas possibilidades de informação e comunicação.

Tendo em vista o processo de globalização e o paradigma informacional, o presente estudo faz inicialmente uma análise sobre os efeitos da mídia na política, excursionando sobre o poder homogeneizado da *mass* mídia, a fim de coletar elementos para numa perspectiva comparada, identificar a influência da comunicação mediática no processo democrático.

2. OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO PARA A DEMOCRACIA

Segundo Arrighi (1996), o longo século XX configurou-se como o último de quatro séculos longos, estruturados de forma semelhante, cada qual constituindo uma etapa específica do desenvolvimento do moderno sistema capitalista mundial, aonde a atual estrutura financeira vêm sendo destruída, com a criação suposta de um novo regime, trazendo mudanças na configuração espacial dos processos de acumulação de capital. Essa ênfase na coesão e não na desintegração do capitalismo contemporâneo é sugerida por Harvey (1989), quando coloca que o capitalismo não resistiu as contradições do *fordismo-keynesianismo*, e passa por uma transição histórica ou ainda, para uma nova forma denominada de acumulação flexível, caracterizado uma guinada para um aumento do poder do capital financeiro frente aos estados nacionais. Pois, os estados nacionais se complicaram com a rigidez dos seus compromissos, tais como: a seguridade social, e a defesa de investimentos de longo prazo e o sistema de produção em massa, fatores que fazem o estado sucumbir rumo a uma nova metamorfose do capitalismo mundial. [2]

O impacto da globalização na política é arrasador, neste sentido, destacam-se três processos radicais de mudanças desencadeados. Primeiro, o esvaziamento do estado e; segundo, a obsolescência da democracia, pois, a condição *sine qua non*, para sua existência é de nações soberanas e; terceiro, o desmoroamento dos partidos políticos, colocando em cheque o processo democrático clássico. Os meios de comunicação ocupam novos espaços na democracia e na política. Assim sendo, a política na era da informação, da revolução da informática e face à fragmentação completa da sociedade de classes, tornou-se incapaz de formar uma vontade geral que se expresse como hegemonia e consenso livremente pactuado.

A cibernética, negligenciada pela política, foi então introduzida na economia quase distraidamente, sem reflexão nem segundas intenções estratégicas ou maquiavélicas, mas quase que inocentemente, com objetivos práticos e sem teorias, mais como um simples instrumento útil e depois indispensável, revolucionou os costumes, que em vez de milagrosa causou efeitos desastrosos (FORRESTER, 1997).

Para Ayres (1999), o processo de globalização da economia, desde a internacionalização de tratados e finanças e os projetos de integração das economias regionais tem aberto novas possibilidades para ações domésticas e internacionais. Levantaram-se tratados e pactos globais e regionais combinando com a interdependência das tecnologias das comunicações e encorajando a transnacionalização de variadas forças sociais, desde corporações multinacionais até atividades antinucleares. Em particular, esse processo internacional tem encorajado a mudança nas estratégias de mobilização e resultando em formas de ação coletiva.

A transnacionalização dos atores coletivos tem incrementado nos anos recentes a conjugação de variedade de arranjos e ajustes internacionais, desde questões sociais, tais como a ampliação da qualidade de vida e do meio ambiente ajustado as demandas neoliberais. Conhecimentos cruzaram as fronteiras nacionais informações foram trocadas com sucesso

ampliando o conhecimento humano. Em particular, cada ação coletiva transnacional pode ser conceituada como satisfatória para planejamentos políticos, lutas e conquistas sociais.

Para Minc (1995), as deformações da democracia tradicional armazenaram poderes e contra poderes, de liberalismo e intervencionismo que se acreditava garantir-lhe sobrevivência eterna, reforçada por duzentos anos de história, agora atinge seu desafio mais importante à democracia da opinião pública. A democracia da opinião pública começou o seu reinado frente ao desafio inesperado e brutal da era da informação e do processo de globalização da economia. [3]

A arena pública com grande influência dos meios de comunicação está em permanente ampliação. Uma tendência recente é a concentração num mesmo espaço mediático da espetacularização diante da audiência e o registro da influência na opinião pública, por meio de as formas simuladas de democracia direta.

As leituras das mensagens da audiência, e seguem uma pauta de temas de interesse dos patrocinadores, a representação tem agregado agora no televoto, que tem uma pretensão de pronunciamento e a conformação do estado da opinião (CHERESKY,1998).

A globalização e seus determinantes, tais como: diminuição do poder dos estados nacionais, uniões em blocos econômicos, abertura de mercados, privatizações [4] e inovações tecnológicas, causaram profundos impactos nas áreas sociais. Tendo em vista as contradições oriundas do processo de globalização da economia e o avanço da democracia da opinião pública, por meio de formas de participação política mediatizadas, no próximo item busca-se destacar de que forma os meios de comunicação concorrem para legitimar uma nova perspectiva democrática nas sociedades atuais.

3. COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: A CONEXÃO COM A TEORIA

Existem várias teorias que tratam da relação entre a política e o tema da comunicação. Entre elas destaca-se: aquelas que vêm à comunicação como uma função do sistema político (Almond, Fagen,); aqueles que vêm à relação entre mídia e política como toda uma teoria das comunicações (Deutsch); e aquelas que vêm à comunicação como uma manipulação (a Escola de Frankfurt, Gramsci, Althusser); teorias contemporâneas sobre *political communications effects* são oferecidas por Blumler e Gurevitch. Numa perspectiva de seu desenvolvimento histórico contemporâneo todas são importantes para a análise da questão (FERNÁNDEZ, 1999).

As mudanças que se produziram neste enfoque tinham como ênfase às atitudes e opiniões, para focalizarem-se no conhecimento e nas cognições. No entanto, a dificuldade é de verificar se a cognições tem haver com as mudanças atitudes. Esta interpretação apesar de ser demonstrável mostrou-se muito complexa.

As transformações na definição dos efeitos da mídia sobre a política tinham um enfoque às mudanças particulares, observados em termos de estruturar ou reestruturar as cognições e

percepções. Isto se demonstra no que se tem chamado de função de formação de agenda ou em que níveis estão os meios de comunicação na construção da realidade social. No entanto, uma proliferação de modelos sobre os processos que envolvem os meios de comunicação, aponta definições alternativas a natureza dos efeitos. Como os estudos chamados de usos e gratificações, entre outros (FERNÁNDEZ, 1999).

A ênfase destes estudos é a audiência, que processam os produtos dos meios de acordo com as necessidades das pessoas, que mudam de canal de acordo com seus interesses, e pode ser aplicada para analisar as escolhas feitas pelos usuários da rede interativa. Algumas teorias estudam os dirigentes e os partidos como emissores das mensagens que poderiam influenciar os eleitores e destacam as contribuições dos estudos sobre a opinião pública, que se fazem por meio das reportagens e notícias políticas pelos jornalistas ou formadores de opinião. Importante destacar o estudo sobre as campanhas eleitorais para medir a influência política dos meios sobre a atitude eleitoral, bem como os estudos sobre socialização política.

Assim sendo, as três principais fontes de poder dos meios de comunicação são: uma raiz estrutural, que ressalta o poder dos meios de proporcionar aos políticos uma audiência; uma raiz psicológica: a relação de credibilidade e confiança; e a raiz normativa: o poder dos meios nos tempos de conflito, a fim de salvaguardar o direito dos cidadãos a liberdade de expressão (FERNÁNDEZ, 1999).

Observa-se uma tradição determinista que exalta a relação dos meios com a classe governante e exclui as massas, e outra pluralista ou empírica que investiga os índices de audiências frente aos meios e outras pressões sociais. Apesar de opostas podem auxiliar-se quando estudadas com cautela.

Nesse sentido, o estudo de Castells (1999) traz notável contribuição no entendimento da cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência em massa e o surgimento de redes interativas e o impacto dessas mudanças no campo econômico, social e político. O autor observa os conceitos de ideologia, as diversidades culturais na constelação da globalização.

Desta forma, a preocupação deste estudo está em verificar os atributos culturais emergentes do processo de interação eletrônica, suas potencialidades e as possíveis transformações em novos padrões de comunicação que possam contribuir para o aperfeiçoamento da democracia.

4. A EVOLUÇÃO DA MASS MÍDIA NO PROCESSO DEMOCRÁTICO

A informação e a comunicação circulam pelo sistema de mídia diversificado e abrangente e a prática da política é crescente neste espaço. A liderança é personalizada e formação da imagem é geração de poder. Assim, para os atores políticos existirem eles devem jogar no espaço mediático.[5]

A mídia de massas influenciou o espaço político salientando contornos manipulativos e se incorporando as especificidades culturais de cada país, possibilitou a criação de heróis e salvadores da pátria, evidenciou a vida privada dos homens públicos e possibilitou a indústria do espetáculo político e a mídia política (SCWARTZENBERG, 1977).

Nessa direção, os meios de comunicação poderiam com sucesso interferir no processo político, criando mitos que se adaptem as demandas das massas. Segundo Boylan (1999), a tendência da rica mídia e algumas de suas variáveis são: o monopólio, o oligopólio e o megapólio da indústria da informação, desta forma mais complexa e concentrada empobrecem ainda mais a democracia.

Numa visão positiva, a democracia reforçada pelo sufrágio universal, teve na aparição da imprensa de massas a possibilidade de controle permanente do exercício do poder por meio da análise da opinião do público e do aperfeiçoamento das relações entre governantes e governados. Assim, os partidos, os governos, as organizações institucionais, as forças sócio-econômicas e os grupos de pressão, têm que renovar suas estratégias para jogar no jogo político (CAYROL, 1994).

A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não têm nada da expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer crer os demagogos cínicos. Assim o universo do jornalismo é um campo, mas está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência (BOURDIEU, 1997).

Assim, as notícias de variedades têm por efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico, que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou das famílias reais, fixando e prendendo a atenção em acontecimentos sem conseqüências políticas que são dramatizados e transformados em problemas da sociedade (BOURDIEU, 1997).

As mudanças da política e dos processos democráticos na sociedade causados pelas novas tecnologias da informação no debate político e nas estratégias de busca do poder propiciam a criação de novas regras do jogo que, no contexto das transformações sociais, culturais e políticas afetam profundamente sua essência.

O conceito de imitação tem suas bases gerais na teoria da difusão, a linguagem e seus significados explicitam a persuasão e o comando, e o contágio, e a influência e a tendência à imitação das modas criadas pela mídia de massas (TARDE, 1999).

Afinal, o vídeo-política, compreende só um dos múltiplos aspectos do poder do vídeo: sua incidência nos processos políticos mediante uma transformação radical do ser político e da administração da política. O vídeo política não é uma prerrogativa da democracia, está também a disposição das ditaduras. No entanto, a democracia é definida com freqüência como o governo da opinião, assim a televisão influencia e condiciona o processo eleitoral para que triunfe o ganhador (SARTORI, 1989).

Observa-se também a crescente dificuldade da política, pois o desapego entre o público e o governo começou a crescer quando os telejornais da noite passaram a durar mais tempo e não é uma mera coincidência, pois mostra instituições sociais e políticas em estado de conflito permanente alimentando o cinismo e desconfiança, no sentido de ineficiência e frustração (SARTORI, 1989).

A questão de a política precisar ser modelada na linguagem da mídia eletrônica tem conseqüências profundas sobre as características, organização e objetivos dos processos, atores e instituições políticas. Assim, os poderes contidos nas redes de mídia ficam em segundo lugar em relação ao poder dos fluxos incorporados na estrutura e na linguagem dessas redes (CASTELLS, 1999).

Observou-se que o poder da mídia de massas tem seu peso econômico e simbólico, apesar de contribuir em muitos aspectos para potencializar as demandas sociais tende a ser manipulativo quanto a sua inserção nas questões políticas alterando a democracia tradicional sob o impacto da opinião pública mediática. A seguir analisam-se os últimos estudos sobre os meios de comunicação interativos a fim de verificar se estes vêm propiciando uma discussão mais ampla no sentido de fortalecer a democracia.

5. DEMOCRACIA INFORMACIONAL: A CONEXÃO DOS CIDADÃOS

A mídia eletrônica passou a se tornar o espaço privilegiado da política, não porque a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas, mas porque, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer o poder (CASTELLS, 1999b).

Assim, há um processo de interação de mão dupla entre a mídia e sua audiência no tocante ao impacto real das mensagens, que são distorcidas, apropriadas e eventualmente subvertidas pelo público. Refuta-se a tese de que a opinião pública é mera receptora passiva de mensagens, facilmente suscetível a manipulações conforme se observa no contexto norteamericano, que as questões políticas vistas sob uma perspectiva em longo prazo demonstram a independência e o bom senso da opinião pública coletiva na maioria dos casos (PAGE e SHAPIRO citado por CASTELLS, 1999) [6]

Ao longo da década de 90, a mídia se tornou a arena das principais batalhas políticas, à medida que foi diversificando e descentralizando seu campo de atuação sua influência nas atitudes e nos comportamentos políticos tornaram-se mais ampla.

Por sua vez, o sistema de comunicação interativa ficará sob o domínio de um segmento populacional instruído nos países desenvolvidos, representando uma elite em escala global. As pesquisas demonstram que os donos de computadores são pessoas acima da média em termos de poder aquisitivo, empregado em horário integral, solteiro e com menos probabilidade de aposentar-se, na maioria são homens, mais da metade delas entre 18 a 34 anos, profissionais em geral das

áreas da educação [7], vendas e engenharia. Por outro lado, favorece a comunicação desinibida e, nas redes com base em empresas, estimula a participação de trabalhadores de *status* inferiores. Funciona como se o simbolismo do poder embutido na comunicação frente a frente ainda não tivesse encontrado a sua linguagem na comunicação interativa, melhora o *status* dos usuários (CASTELLS, 1999).

No entanto, os novos meios de comunicação eletrônica não divergem das culturas tradicionais, algumas características sociais parecem perdurar além da revolução tecnológica: a divisão de tarefas domésticas entre os sexos ou, ao contrário, falta dela não é afetada pelos meios eletrônicos; o uso de videocassete e o manuseio de dispositivos de controle remoto refletem uma estrutura familiar autoritária; e a utilização de dispositivos eletrônicos é diferenciada no que diz respeito a sexo e idade: os homens usam computadores com mais freqüência, as mulheres cuidam dos serviços telemáticos e de manutenção elétrica doméstica e as crianças são obcecadas por videogames (CASTELLS, 1999).

Além de colaborar nas profissões já alcança toda a esfera de atividade social: telebanco, telecompras, as comunidades pessoais por correio eletrônico e o sexo. A internet tornou-se um veículo de propaganda de campanha, de fóruns de debate controlados, e também um meio de interconexão para eleitores e simpatizantes. Não raro, programas ou anúncios de televisão fornecem um endereço na internet para fins de consulta ou discussão de idéias, ao mesmo tempo em que a comunicação computadorizada volta-se para certos eventos divulgados pela mídia ou uma propaganda política visando estabelecer uma linha eletrônica direta para cidadãos eventualmente interessados (CASTELLS, 1999b).

Para Gates (1997), existe uma oportunidade para melhorar o exercício político e a democracia devido ao avanço da tecnologia das comunicações, que permite encontrar informação da melhor forma sobre qualquer tema. Historicamente, a maioria dos instrumentos de comunicação era previamente programada, o assunto deveria satisfazer milhões de pessoas.

As mudanças nas dinâmicas das autoridades eleitas e seus votantes mostram-se, por exemplo: quando há uma votação importante no congresso pode-se saber rapidamente como votou o representante e o que disse sobre o tema. Cerca de 40% dos lugares de EUA têm computadores pessoais atualmente, assim essas pressões midiáticas dos eleitores são substanciais para incrementar a democracia direta. [8] No entanto, a democracia representativa é melhor, os representantes eleitos podem ser mais tenazes, pois se dedicam a tomar as melhores decisões e disponibilizar propostas (GATES, 1997).

A comunidade eletrônica muda à comunidade nacional, porém não se podem eliminar todas as tarefas dos governos, evidente que facilita a vida dos cidadãos que não precisam mais ficar em filas, mas, simplesmente conectar-se, assim o governo pode ser menor do que já é agora. No entanto, o custo da auto-suficiência tecnológica é o de superar o sentido tradicional de comunidade, afinal pode-se obter o que se necessita por meio da televisão ou telefone, assim,

perdem-se as formas de intercâmbio humano que mantêm os cidadãos no espaço público. Qualquer um pode manter contato com qualquer grupo cultural a que pertença através de mecanismos eletrônicos, os humanos se reduzem porque o mundo ficou menor.

6. COMUNICAÇÃO INTERATIVA EMERGENTE

A fonte deste tópico é única, baseada em Castells (1999).

Para o autor, a rede Internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC) dos anos 90. Em meados da década de 90, a Internet conectava 44 mil redes de computadores e cerca de 3,2 milhões de computadores principais em todo o mundo, com mais ou menos 25 milhões de usuários e 36 milhões tinham acesso a ela, e esta se expandindo de forma acelerada.

Apesar da divergência das empresas de pesquisa sobre o número de usuários ela tem o potencial de explodir para centenas de milhões de usuários no início do século XXI. A história de desenvolvimento da Internet e da convergência de outras redes de comunicação para a grande rede fornece material essencial para o entendimento das características técnicas, organizacionais e culturais dessa rede, assim abrindo caminho para avaliação de seus impactos sociais e políticos.

A Internet é uma rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contra cultural, a DARPA Agência de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos e sua alta tecnologia estabeleceram a era da informação em grande escala, com objetivo inicial de projetar um sistema de comunicação invulnerável a ataque nuclear. Inicialmente com base na tecnologia de comunicação por comutação de pacotes, o sistema tornou a rede independente de centros de comando e controle e as mensagens poderiam ser remontadas em qualquer ponto da rede. Mais tarde aperfeiçoada pela tecnologia digital que permitiu a compactação de qualquer tipo de mensagem, inclusive sons, imagens e dados, formou-se uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controle. A universalidade digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global, onde a censura ou controle se torna difíceis, e leva todos os tipos de informação para o mundo inteiro.

Atrás do desenvolvimento da Internet havia as redes científicas, institucionais e pessoais que cruzavam o Departamento de Defesa, Fundação Nacional da Ciência principal e as universidades voltadas para a pesquisa e núcleos de geração de idéias especializados. Surgia uma contracultura computacional com versão libertária e utópica, paralelamente aos esforços do Pentágono e da Grande Ciência para estabelecer uma rede universal de computadores com acesso público dentro das normas aceitáveis. O *modem* que permitiu que computadores transferissem arquivos diretamente sem passar por um sistema principal, o que possibilitou a ligação de computadores por meio da linha telefônica comum.

A abordagem da contracultura tecnológica possibilitou a participação de qualquer pessoa com conhecimento técnico e um computador estimulando os sistemas de boletins informativos nos EUA e depois no mundo, como por exemplo os protestos eletrônicos contra os acontecimentos da Praça da Paz Celestial na China, em 1989 o sistema de rede mostrou seu potencial como dispositivo de comunicação, desta forma criando as chamadas comunidades virtuais.

Essas comunidades virtuais invadiram todas as formas da comunicação humana, de política e religião a sexo e pesquisa. Em meados dos anos 90, a maior parte estava conectada a internet, mas mantinham a identidade e suas regras de comportamento. Uma das regras mais importantes é a rejeição da entrada de interesses comerciais não declarados no BBS, com graves sanções aos os intrusos. Essa cultura eletrônica dos primeiros usuários que usavam como *hobby*, marcou para sempre a evolução e o uso da rede, assim mesmo que a ideologia da contracultura tenha desaparecido com a generalização do meio em escala global, as características tecnológicas e os códigos sociais desenvolvidos a partir do uso gratuito original da rede deram forma a sua utilização.

Empresas, instituições e indivíduos formaram na década de 90 uma teia de alcance mundial para a comunicação individualizada interativa, deixando a comunicação espontânea e informal fluir simultaneamente. Importante observar que as duas fontes da rede, o *establishment* militar, científico e a contracultura computacional pessoal, tiveram base comum: o mundo universitário, que tem um alto potencial de expansão de *know-how* e hábitos da CMC, e é o principal agente de difusão de inovações.

A Internet possibilitou amplo acesso público e limitou as restrições governamentais ou comerciais a esse acesso, embora a desigualdade social se manifeste de maneira poderosa no domínio eletrônico a cooperação tecnológica através da rede incrementou o sistema. No entanto, com a arquitetura aberta da rede é difícil assegurar sua privacidade e sua inevitável dose de desvios psicológicos. As suas características são: penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade, diferente da mídia de massa, elas têm propriedades de interatividade, individualização tecnológica que são culturalmente embutidas.

No geral, tanto na França como nos EUA a multimídia parece estar mantendo, mesmo em seu estágio inicial, um padrão sócio-cultural que apresenta as seguintes características: Primeira: diferenciação social e cultural muito difundida levando a segmentação dos usuários, espectadores, leitores e ouvintes, ou seja, as mensagens não são apenas segmentadas pelos mercados, mas também pelos usuários para exploração de vantagens individualizadas, formando comunidades virtuais.

Segunda: crescente estratificação social entre os usuários. Não apenas a opção da multimídia ficará àqueles com tempo e dinheiro para o acesso e aos países e regiões com o necessário mercado potencial, mas também as diferenças culturais/educacionais serão decisivas no uso da interação para o proveito de cada usuário, diferente da mídia de massas. Assim, o

mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, determinado pela classe, raça, sexo ou país.

Terceira: a comunicação de todos os tipos de mensagens no mesmo sistema, ainda que esse seja interativo e seletivo induz a uma integração de todas as mensagens em um padrão cognitivo comum. Assim, enquanto mantêm suas características de mensagens enquanto são misturadas no processo de comunicação simbólica, elas embaralham seus códigos nesse processo criando um contexto semântico multifacetado composto de uma mistura aleatória de vários sentidos

No entanto, a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda uma diversidade. Seu advento é equivalente ao fim da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Faz da virtualidade nossa realidade

7. CONCLUSÃO

O poder unificador cultural da televisão direcionada às massas (da qual apenas uma elite cultural havia escapado no passado) agora é substituído por uma diferenciação socialmente estratificada, levando à coexistência de uma cultura de mídia de massa personalizada com uma rede de comunicação eletrônica interativa de comunidades auto-selecionadas (CASTELLS, 1999).

Assim, as inclusões da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integradas têm conseqüências no sistema político e social, enfraquece o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade, autoridade, valores tradicionais, ideologia política.

As redes informatizadas são apropriadas para a economia capitalista, fundamenta a globalização e a concentração descentralizada, tanto para o trabalho e flexibilidade das empresas, quanto para a política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos, reorganizou as relações de poder e criou uma nova base material para o desempenho de atividades em toda estrutura social.

Culturas são formadas por processos de comunicação, baseadas na produção e consumo de sinais que possibilita a interação mútua em várias dimensões. Portanto, não há separação entre realidade e representação simbólica, por isso o novo sistema de comunicação de integração eletrônica não é indução a realidade virtual, mas a construção da virtualidade real. A realidade

sempre foi virtual por que sempre foi percebida por símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica. A virtualidade real é um sistema no qual a própria realidade, simbólica e material é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, na qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 1999)..

Assim, Ayres (1999), observa o impacto social da internet, nas demonstrações de protesto das dissidências políticas propiciando um canal alternativo de discussões para os excluídos ampliando o leque do espaço democrático e dinamizando a participação popular e modificando as formas tradicionais de protesto.

Nesse sentido a difusão cibernética previne as faces partes: qual significação valoriza a disparidade individual e grupos coletivos, seus recursos e estratégias. A internet também tem o poder de tornar realidade a verificação das informações sobre um distúrbio eletrônico global (CASTELLS, 1999).

A Internet contribuiu para a internacionalização da discussão. Ela é um eficiente e acessível caminho para indivíduos e grupos para a entrada na nova e emergente estrutura internacional dos blocos e tratados internacionais dos países. Com efeito a Internet criou oportunidade para os diversos grupos das sociedades participarem e se inserirem em discussões globais emergentes, com seu potencial de mobilização permitiu ampliar os espaços democráticos internacionais (AYRES, 1999).

Inicialmente observou-se em ambos o caso o necessário distanciamento da política para alcançar credibilidade e captar usuários por meio do aperfeiçoamento do entretenimento, os usos para política foram possíveis bem recentemente em vários países. Diferente da *mass* mídia norte americana onde predominava a exploração da vida privada dos candidatos, ao contrário da França. A construção de heróis e vilões em um mundo de paixões frustradas, ambições secretas e traições: assim funciona a política norte-americana inserida na mídia eletrônica, transformada em virtualidade política real abrindo espaço para a participação política pelos menos dos usuários das redes interativas, determinando o acesso ao estado (CASTELLS, 1999b).

Por sua vez, os sistemas políticos europeus se fiam bem mais nos partidos políticos, de longa tradição e bem estabelecidos, e com raízes consideráveis em suas respectivas histórias, culturas e sociedades. Até o final da década de 80, a maioria dos meios de comunicação européia era de controle estatal, de modo que o acesso político a eles estava sujeito a regulamentações estatais e a propaganda política paga era proibida. Mesmo com a privatização as redes seguem um padrão de auto-regulamentação do equilíbrio político para preservar sua credibilidade. Assim, há diferenças significativas dos EUA.

A análise comparativa dos estudos nos anos 90 mostra tanto os EUA quanto a França seguem as mesmas características quanto ao papel dos partidos políticos. A mídia assume a condição de principal instrumento de difusão de informações enquanto os partidos políticos se

encontram desaparelhados, desprovidos de recursos financeiros e sujeitos a rigorosa regulamentação, tendo dificuldades de adaptação ao novo ambiente tecnológico.

No entanto, a tendência é das instituições políticas entrarem na política informacional cada vez mais. Assim, observadores destacam o surgimento da “democracia virtual” (Scheer citado por CASTELLS, 1999b).

A Internet dinamiza a participação política, gerando muito mais oportunidades para os cidadãos comunicar-se com seus representantes em vários níveis e também acessar as informações políticas rápida e eficientemente. O debate incide em verificar se estas mudanças teriam conseqüências positivas ou negativas, pois o potencial de eficácia das mensagens da Internet pode ser o começo de uma terceira via para a democracia. Por outro lado, sabe-se que, é importante manter cautela sobre o potencial da internet, pois pode estar tecendo uma teia em suas redes definindo um cenário para a inovação demagógica, segundo Bimber, Grossman, Barber citados por (AYRES, 1999).

A internet contribui para a ampliação do debate político a nível internacional, é o caminho mais acessível e eficiente para indivíduos e grupos participarem de debates emergentes, propiciando ampla discussão de assuntos políticos econômicos e sociais. Com imenso potencial de mobilização, reduzindo as barreiras da informação manipulada pela *mass* mídia e propiciando a rapidez de difusão de idéias e protestos táticos e estratégias em nível global. Embora o uso de redes interativas se expanda em ritmo fenomenal, não é meio de comunicação geral nem o será em um futuro próximo, ainda excluirá a maior parte da humanidade por um longo tempo ao contrário da televisão e de outros meios de comunicação de massa.

8. NOTAS

* Resultados das Atividades de Pesquisas ligadas ao Grupo de Pesquisa em Comportamento Político

** Professora de Ciência Política no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus de Cascavel-PR, Unioeste e Líder do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento político – GPCP.

*** Professor de Sociologia e de Ciência Política no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus de Cascavel, Unioeste, e participante do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político – GPCP.

**** Professora de Enfermagem do Centro de Ciências Biológicas, Campus de Cascavel, Unioeste, e participante do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político – GPCP.

***** Professora de Psicologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus de Cascavel, Unioeste, e membro do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político – GPCP.

***** Professor de Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus de Cascavel, Unioeste, e membro do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político – GPCP.

1. Sobre este assunto também é significativo o estudo sobre Television, Individualism, and Social Capital desenvolvido por Allan McBride (1998).

2. Este tema foi abordado por Celso Furtado (1998) na sua obra “Capitalismo Global”.

3. É importante destacar o estudo comparativo sobre as mudanças profundas ocorridas pela influência dos meios de comunicação mexicanos e canadenses rumo a uma americanização. Destacando também a transição da democracia representativa moderna para a democracia funcional pós-moderna, e a questão da identidade nacional desenvolvida por François Demers (1997).

4. Merece destaque o estudo de Anne-Marie Gingras (1999).
5. Assim, os desfiles de massa situam-se nos antípodas das ações espetaculares dos grupos de choque que podem ser sempre percebidas como golpes montados pela ou para a imprensa (CHAMPAGNE, 1998).
6. Sobre esse ponto, importante verificar os estudos de Mauro Pereira Porto (1995), quando salienta as deficiências dos estudos de escolha racional dos efeitos da mídia sobre o comportamento político.
7. Sobre a influência da mídia na educação ver os estudos de: Robert Ferguson (1999); Stephen Earl Bennett (1999); Lynn M. Kuzma (1998); G. David Garson (1998) e Jerome Young (1998).
8. Nessa direção, o estudo de Kristy Magarey (1999), é ilustrativo quando aborda o uso de um sofisticado sistema de informação e infraestrutura de comunicação do governo e do parlamento australiano, o programa chama-se: Parliamentary Internet Publishing Coordinating Group e tornou-se poderosa fonte de informação

9. REFERÊNCIAS

AYRES, Jeffrey M. *From the streets to the Internet: The cyber-diffusion of contention. Annals of the American Academy of Political and Social Science; Thousand Oaks*. Disponível: <<http://proquest.umi.com/pqdweb>> . Acesso: 03 nov. 1999.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BENNETT, Stephen Earl. *Young Americans' Indifference to Media Coverage of Public Affairs. PS Political Science & Politics Review*. EUA. Vol XXXI, Nº 3, set.1998.

BOYLAN, James. *Rich media, poor democracy: communication politics in dubious times. Columbia Journalism Review, New York: Nov/dez, 1999*.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CABALLERO, Doris Réniz. *En qué consiste el compromiso de informar al receptor. In: Contribuciones, Publicación trimestral de la Konrad-Adenauer Stiftung A.C. CIEDLA, Buenos Aires/ Argentina vol 02/1999*.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia Sociedade e Cultura - A Sociedade em Rede**, vol. I, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel(b). **A era da informação: economia sociedade e cultura - O Poder da Identidade**, vol. II, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAYROL, Roland. **Médias et démocratie la dérive**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1997.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis, RJ: Vozes 1998.

CHERESKY, Isidoro. La ciudadanía, la opinión pública y los medios de comunicación - Ciudadanía y política en la Argentina de los 90 in: VILLAVICENCIO, Susana; QUIROGA, Hugo y VERMEREN, Patrice

(Eds): **Filosofías, Estado democrático y ciudadanía en Argentina y en Francia**, Ed. Homo Sapiens, 1998.

DEMERS, François. *Medios, política e identidades nacionales*. **XX Congreso Internacional de la Latin American Studies Association (LASA)**. Guadalajara, del 17-19 de abril de 1997.

DERVILLE, Gregory. **Le pouvoir des médias - Mythes et réalités**. Presses Universitaires de Grenoble, 1997.

FERGUNSON, Robert. *The mass media and education of students in a democracy: some issues to consider In: ProQuest*. Disponível: tsupport@bellhowell.infolearning.com. Acesso: 04 mai. 1999.

FERNÁNDEZ, Eduardo. *Medios de comunicación: ¿ Sustitutos de la actividad política? In: Contribuciones, Publicación trimestral de la Konrad-Adenauer Stiftung A. C. CIEDLA, Buenos Aires/ Argentina vol 02/1996*.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FURTADO, Celso. **O capitalismo global**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARSON, G. David. *Evaluating Implementation of Web-Based Teaching in Political Science*. **PS Political science & Politics Review**. EUA. Vol XXXI, Nº 3, set. 1998.

GATES, Bill. **El futuro eletrônico de la democracia**. Entrevistado por Jonh Kennedy Jr. *Tétera Semanario de Política y Cultura, México*. Disponível <http://www.caligrafi/etcetera/226/dialogos.html>. Acesso: 30 mar 1999

GINGRAS, Anne-Marie. **Desregulating canadian communications policies: in the shadow of the United States**. *A paper presented for the European Consortium for Political Research, MZES. Universität Mannheim, Germany, mar 26-31, 1999*.

YOUNG, Jerome. *Computers and teaching: evolution fo cyberclass*. **PS Political Science and Politics Review**. EUA. Vol XXXI, Nº 3, set. 1998.

KUSMA, Lynn M. *The World Wide Web and Active Learning in the International Relations Classroom*. **PS Political Science & Politics Review**. EUA. Vol XXXI, Nº 3, set. 1998.

MAGAREY, Kristy. *The Internet and australian parliamentary democracy*. Proquestsupport@bellhowell.infolearning.com, 1999.

McBRIDE, Allan. *Television, Individualism and Social Capital*. **PS Political Science & Politics Review**. EUA. Vol XXXI, Nº 3, set. 1998.

MINC, Alain. **La borrachera democrática - El nuevo poder de la opinión pública**. Fernández Ciudad, S. L. Españã, 1995.

PORTO, Mauro Pereira. Dilemas da Racionalidade: O Caso dos Efeitos da Mídia no Comportamento Político. In: CAMINO, Leôncio; LHULLIER, Louise e SALVADOR, Sandoval. **Estudos sobre comportamento político**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia - a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RIED, José Joaquín Brunner. *Comunicación y política en la sociedad democrática*. In: **Contribuciones**, Publicación trimestral de la Konrad-Adenauer Stiftung A. C. CIEDLA, Buenos Aires/ Argentina vol 02/1996.

RUBIM, Antônio C. **Mídia e política**: transmissão de poder. In: MATOS, Heloiza (org.). *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta. 1994.

SARTORI, Giovanni. **A teoria da democracia revisada**. Vol I - O Debate Contemporâneo. Ática: São Paulo, 1994.

SARTORI, Giovanni. Videopolítica. In: **Rivista italiana di Scienza politica**, agosto, 1989.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Círculo do Livro, São Paulo, 1977.

TARDE, Gabriel. *Theorizing diffusion: tarde and Sorokin revisited*. In: **Annals of American Academy of Political Science**, Thousand Oaks, nov 1999.